

MUTATIS MUTANDIS?

A estabilidade evolutiva do jornalismo português

Copyright © 2018
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

RUI ALEXANDRE NOVAIS

Universidade do Mindelo, Mindelo – São Vicente, Cabo Verde

ORCID: 0000-0002-0282-7234

DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v14n2.2018.1086>

RESUMO - Este artigo oferece uma análise comparativa diacrónica das diferentes dimensões relativas à autopercepção dos jornalistas portugueses, do seu papel ou funções, da autonomia, da confiança nas instituições sociais, das influências, bem como das questões éticas. Baseado em mais de 500 entrevistas, ao longo de um período de cinco anos, constata o fluxo de mudança do jornalismo em resultado da combinação do impacto da inovação tecnológica com a dimensão comercial, redundando numa considerável deterioração tanto das condições de trabalho como a nível da credibilidade pública e dos padrões éticos. No entanto, e acima de tudo, conclui que as mudanças estatisticamente significativas verificadas, sendo selectivas e modestas, validam a tendência generalizada de estabilidade nas autopercepções dos jornalistas portugueses em consonância com a teoria da homogeneização ao longo do tempo.

Palavras-chave: Jornalismo português. WOJ. Homogeneização ao longo do tempo. Análise longitudinal. Mudanças no jornalismo.

MUTATIS MUTANDIS? La estabilidad evolutiva del periodismo portugués

RESUMEN - Es artículo consiste en una análisis comparada diacrónica acerca de las distintas dimensiones de la auto-percepción de los periodistas portugueses sobre su papel, la autonomía, la confianza en las instituciones sociales, las influencias, así como, las cuestiones éticas. Basado en más de 500 entrevistas, al largo de cinco años, constata un proceso de cambio del periodismo en resultado de la combinación del impacto de la innovación tecnológica y la dimensión comercial, con implicaciones en la deterioración de las condiciones de trabajo, de la credibilidad pública y los padrones éticos. Sin embargo, y sobre todo, concluye que los cambios estadísticamente significativos verificados, al ser selectivos y modestos, validan la tendencia generalizada de estabilidad en las auto-percepciones de los periodistas portugueses, en línea con la teoría de la homogeneidad a través del tiempo.

Palabras clave: Periodismo portugués, WOJ, Homogeneidad a través del tiempo, análisis longitudinal, cambios en periodismo

MUTATIS MUTANDIS? The stably evolving Portuguese journalism

ABSTRACT – This article offers a diachronic comparative examination of the different dimensions regarding the Portuguese journalists' role conceptions, autonomy, trust in social institutions, influences, as well as ideology. Based on more than 500 interviews over a five-year period, it corroborates the state of change of journalism as a result of the combined technological innovation impact and market-related considerations, which amounts to a substantive deterioration of the working conditions in the profession, its public credibility and ethical standards. However, and above all, it also concludes that the statistically significant but rather selective and modest changes found validate a general trend of stability in Portuguese journalist' self-perception in line with the theory of homogeneity across time.

Keywords: Portuguese journalism. WOJ. Homogeneity across time. Longitudinal analysis. Changes in journalism.

As recentes mudanças significativas no mundo do jornalismo foram acompanhadas por consideráveis progressos em termos da investigação nesse domínio científico. Apesar de se ter assistido na última década a uma crescente importância das análises comparativas (Esser & Hanitzsch, 2012), menos atenção tem sido concedida, no entanto, à necessidade de comparar ao longo do tempo (Strömbäck et al., 2016, p. 90). Esse é, no geral, o caso da investigação em jornalismo (Hallin et al., 1993; Manning, 2001; Sigal, 1973) e, particularmente, das autopercepções dos profissionais dos órgãos noticiosos. Aliás, um argumento semelhante pode ser aduzido relativamente à realidade específica do jornalismo português, em vista do facto de estudos diacrónicos nacionais serem não apenas raros, mas virtualmente inexistentes.

Na verdade, há uma ausência significativa de estudos relacionados com as mudanças ou a estabilidade das práticas jornalísticas, com a excepção das investigações conduzidas por David Weaver e colegas – quer as de um único país (Weaver, 2015; Willnat et al., 2017) quer as transnacionais (Willnat et al., 2013). Com particular interesse para o presente trabalho, três dos mais recentes estudos merecem ser destacados. O primeiro, resultante de uma análise consistente ao longo de 50 anos, oferece dados preciosos e reveladores das tremendas mudanças verificadas no jornalismo dos Estados Unidos nas últimas décadas (Willnat et al.

2017). Destarte a alteração de atitude durante o tempo e o ambiente desafiador – resultante das dificuldades económicas, das redações em retração, da proliferação dos media sociais e dos ataques públicos à credibilidade dos media -, tal estudo conclui com uma nota optimista acerca do futuro da profissão e dos ideais de serviço público como sendo uma importante motivação dos jornalistas da actualidade (Willnat et al., 2017).

O segundo, baseado numa análise qualitativa diacrónica (Ryfe, 2012), ainda que neste caso no seio das redações regionais nos Estados Unidos, sugere que as práticas noticiosas permanecem “teimosamente inalteradas”. Tal é o caso da dependência das fontes oficiais de informação, da definição de notícias e dos critérios noticiosos, ou das concepções dos papéis em torno dos valores tradicionais da objectividade, factualidade, imparcialidade e neutralidade (Ryfe, 2012).

Por fim, é digno de menção um outro estudo conduzido durante uma década (2001, 2006, 2011) e com o recurso de entrevistas reconstructivas face a face acerca de amostras de textos publicados em três jornais de referência israelitas (Reich, 2013). Conclui que as práticas noticiosas permanecem quase inalteradas, preservando o mesmo paradigma jornalístico e uma lógica mediática similar. Apesar da existência de uma ligação entre as mudanças no ecossistema mediático e as do regime de produção noticiosa, o autor argumenta que é menos directa, imediata, compreensiva e de senso comum do que anteriormente sugerido nos trabalhos académicos. Os jornalistas tendem a adoptar práticas noticiosas e rotinas de uma forma instrumental, como métodos e práticas costumeiras que tendem a ser resistentes à mudança causada pelo impacto transformativo das novas tecnologias no trabalho noticioso (Reich, 2013).

Assim sendo, este artigo contribui para a lista estrita ou reduzida de estudos longitudinais propondo um exame inaugural da realidade jornalística portuguesa. Na verdade, pretende enriquecer o espectro limitado de investigação existente recorrendo a uma análise ao longo de cinco anos, que contém algumas das principais tendências actuais no estudo do jornalismo com particular relevância para o presente trabalho. Desde logo, retomando os papéis relacionados com a função democrática. Depois, considerando um par de tendências inter-relacionadas: a autonomia jornalística e as influências internas e externas no desempenho diário das suas profissões. Por fim, um conjunto de dimensões envolvidas no grau de confiança nas instituições e as considerações éticas serão ambas

abordadas. De facto, tais parâmetros de análise constituem a base de um novo modelo de análise e definição do jornalismo proposto no âmbito da matriz do *Worlds of Journalism Study* (WOJ) e noutros estudos (Novais et al., 2013), que merece uma decisão mais detalhada em seguida.

A matriz conceptual do *Worlds of Journalism Study*

A matriz conceptual do WJO assenta na noção de cultura jornalística que engloba as diversas articulações e manifestações das formas de jornalismo ou dos “mundos do jornalismo”. As culturas jornalísticas são discerníveis na forma como os jornalistas pensam e agem, e podem ser definidas como um conjunto de ideias e práticas mediante as quais os jornalistas legitimam o seu papel na sociedade e conferem significado ao seu trabalho. Neste artigo, atenção particular é devotada à cultura jornalística enquanto conjunto de ideias (valores, atitudes e crenças) ou autopercepções acerca da prática de produção noticiosa, ob o prisma de várias dimensões: tanto intrínsecas – papéis, ética profissional, confiança jornalística, autonomia editorial e influência internas – e uma extrínseca – influências externas.

Os papéis jornalísticos articulam a identidade da classe profissional e posicionamento relativamente à sociedade e às expectativas públicas em geral. Dito de outra forma, refere-se às funções concretas e normativas do jornalismo em sociedade. Pode igualmente incluir as percepções dos papéis institucionais ou funções dos media (Hanitzsch, 2007). Neste domínio específico, é possível distinguir três tipologias de papéis institucionais: intervencionista, referindo-se ao jornalista socialmente envolvido ou, no outro extremo, o jornalista neutro, observador e objectivo; distanciado do poder, jornalismo enquanto quarto poder ou então que apoiam e se aliam ao governo, sendo colaboracionistas; e, por último, orientados para o mercado, ou seja, para as audiências ou privilegiando os papéis informativo e político dos media).

A ética jornalística, por seu turno, prende-se com as rotinas de reportagem, que resultam de um amplo consenso social acerca do que é geralmente aceite como sendo as práticas justificáveis e moralmente desejáveis. Na verdade, as ideologias éticas permitem examinar como os jornalistas respondem a dilemas éticos. Quatro perspectivas são propostas nesta matriz teórica: a abordagem profissional padrão, quando os jornalistas aludem aos códigos universais e orientações

editoriais; a abordagem profissional liberal, que crítica a perspectiva antecedente com base num conjunto de argumentos; a abordagem cínica que ocorre sempre que os jornalistas desconsideram os dilemas éticos; e os relativistas éticos, que oferecem respostas *ad hoc* para os dilemas éticos. Uma proposta alternativa (Hanitzsch, 2007, pp. 371-379), divide as considerações éticas num binómio: relativismo (aceitação ou rejeição dos códigos universais) e idealismo (acções determinadas pelos meios ou os fins). A interseção das duas dimensões, contudo, redundando em quatro perspectivas diferenciadas: situacionismo, no qual rejeitam-se valores universais e optam-se pela análise casuística; absolutismo, em que preconiza-se que os melhores resultados são alcançados pelas regras universais; subjectivistas, onde se baseiam em julgamentos ou valorações pessoais e são receptivos a considerar meios negativos para atingir algo bom; e, por fim, excepcionistas, em que são orientados pelos códigos universais mas receptivos a excepções caso estas previnam consequências negativas.

A confiança jornalística concerne aos relacionamentos com as instituições sociais, sendo que os jornalistas actuam como mediadores entre as instituições e o público. Em regra, a fraca confiança nas instituições está relacionada com a percepção dos papéis por parte dos jornalistas, tais como a importância de agir como “cão de guarda” e monitorar as acções das elites no poder. Este parâmetro também é importante na análise, na medida em que está intimamente relacionado com a acusação frequente de que os media contribuem para a erosão de confiança das instituições públicas.

A autonomia editorial é definida como a latitude autopercebida dos jornalistas no desempenho das suas funções. Na verdade, a autonomia é decisiva para que os jornalistas possam desincumbir-se do seu trabalho (Hanitzsch & Mellado, 2011).

Adicionalmente, as influências percebidas nas rotinas noticiosas também são objecto de análise. Por conseguinte, um conjunto de factores distintos têm sido sugeridos como indicadores transculturais do impacto limitado das forças externas às liberdades pessoais dos jornalistas. Mais concretamente, seis domínios de influência são propostos (Hanitzsch & Mellado, 2011, pp. 406-407) que incluem as políticas (governo, políticos, censura); económicas (expectativas de lucro, estudos de mercado, audiência); organizacionais (decisões editoriais ou rotinas jornalísticas, interferência dos proprietários nos editores); procedimentais (limitações comuns, tais como poucos recursos, falta de espaço, padrões estabelecidos

e rotinas); profissionais (convenções mediáticas, leis e orientações editoriais); e grupos de referência (colegas noutros media, concorrência, audiência ou amigos, conhecidos e família).

A categoria influências percebidas refere-se às percepções individuais dos jornalistas das várias forças que moldam o processo da produção noticiosa. De forma a determinar de maneira sistemática e consistente as forças contextuais, três níveis hierárquicos de influência são propostos: o individual, o organizacional e o social.

O nível individual é relevante na medida em que é expectável que os jornalistas tomem regularmente decisões percepcionais. Os determinantes potenciais deste nível originam-se dos *backgrounds* pessoal e profissional dos jornalistas, as orientações ideológicas, bem como dos papéis e funções específicas desempenhados no seio da redação e da empresa mediática. Dentre as fontes de influências organizacionais constam a propriedade dos media, as estruturas de receitas, as expectativas de lucro, a política editorial, a alocação de tempo e recursos editoriais, e a cultura da redação. O nível social, por último, é reconhecido como a força que molda substancialmente a cultura jornalística de vários modos, designadamente os contextos social, cultural e ideológico nos quais o jornalista trabalha.

Metodologia

O material de análise deste estudo integra o *Worlds of Journalism Research*. Concebido como um estudo piloto e implementado inicialmente de 2007 a 2011, realizou entrevistas a 2100 jornalistas pertencentes a mais de 400 organizações oriundas de 21 países. Tal como no projeto alargado, as entrevistas então realizadas em Portugal consistiram numa quota de 100 jornalistas no activo, originários de 20 órgãos de comunicação, e compreendendo cinco profissionais de cada redação noticiosa com algum grau de responsabilidade editorial na produção dos conteúdos. Adicionalmente, os entrevistados pertenciam a diferentes tipos de organizações mediáticas: tanto de âmbito nacional como regional ou local; públicos, detidos pelo estado ou privados; de referência ou qualidade (orientados para os cidadãos) ou populares (orientados para os consumidores). Os questionários piloto foram implementados em 2010 tendo sido concluídos em 2011. Uma bolsa oriunda pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), providenciou os fundos necessários para a realização da investigação.

Pulverizando todos os recordes de investigação comparada em comunicação, o estudo WOJ congregou investigadores de 67 países à volta do mundo convertendo-se numa imensamente robusta base de dados global. Baseado num “Manual de Campo” comum, desenvolvido de forma colaborativa, incluía uma matriz metodológica que permitiu a análise comparativa transnacional rigorosa. Por conseguinte, todas as equipas nacionais socorreram-se do mesmo questionário, traduzido para os respectivos idiomas, que continha tanto perguntas obrigatórias como outras facultativas que podiam ser adicionadas pelas equipas nacionais. O questionário revelou as visões dos jornalistas sobre diversos assuntos relacionados com a prática profissional, tais como o lugar do jornalismo na sociedade, ética, autonomia e influências na produção noticiosa, confiança nas instituições públicas e a transformação do jornalismo, em sentido lato.

Em resposta às limitações da pesquisa 2010-2011, designadamente a pouca representatividade estatística dos cem entrevistados em cada país (Hanitzsch et al. 2011), a fase seguinte do estudo alargado de 2015 introduziu alguns parâmetros decisivos e inegociáveis. De interesse particular para o presente trabalho, salienta-se a realização de entrevistas representativas de todos os jornalistas de todos os tipos de media e noticiosos por parte de todas as equipas participantes no estudo. De facto, os dados globais integram amostras representativas para todos os países que contemplam amostras aleatórias estratificadas das redações e a amostragem sistemática de jornalistas no seio das redações – apesar de haver algum grau de variação das estratégias de amostragem em função das condições contextuais (disponibilidade dos directores ou a lista de jornalistas, etc.).

As amostras nacionais tiveram de se situar na margem de erro de 5%, no máximo, e de 95% de confiança para serem aceites para o WOJ. No caso de Portugal, resultou numa amostra de 407 jornalistas no activo entrevistados (48% de percentual de resposta) – 7% do universo de jornalistas no país. As entrevistas foram conduzidas por meio de um método misto: por telefone ou inquéritos online de novembro de 2013 a agosto de 2014.

Não obstante o número sem precedentes de países envolvidos em ambos os estudos, e o potencial comparativo transnacional e aspectos individuais como os geográficos, políticos, linguísticos ou económicos, ainda há espaço e margem para uma análise centrada

num único país. Essa é a estratégia adoptada no âmbito deste artigo, trazendo à luz os resultados dos dados mais recentes (2013-14), seguida de uma análise comparativa com os dados da análise prévia (2010-2011). Nesse sentido, incorpora apenas os parâmetros comuns a ambas as análises. Tais comparações permitem o estudo de uma “vasta gama de assuntos a partir de diversas abordagens metodológicas” que visam a “procurar semelhanças ou variações” (Mills et al., 2006, p. 620). O método de investigação adoptado neste artigo é, por conseguinte, valioso por permitir evidenciar “aspectos únicos de uma entidade em particular que seria virtualmente impossível de detectar de outro modo” (Mills et al., 2006, p. 621).

Antes de abordar os resultados da análise longitudinal, contudo, impõe-se uma incursão inicial aos recentes contextos e mudanças em curso no mundo evolutivo do jornalismo português.

Contextos Profissionais

O jornalista típico em Portugal é do género masculino – dos 407 entrevistados, 186 são mulheres, o que representa 45.9% da amostra geral – na faixa etária dos 30 anos e detentor de grau universitário em jornalismo ou comunicação. Mais concretamente, os jornalistas portugueses têm em média 39 anos de idade ($s=8.81$) e tendem a possuir uma boa formação universitária: 14.3% dos inquiridos detêm um grau de um programa de graduação e 70% possuem um grau de bacharel. Dos entrevistados que detinham formação superior, uma vasta maioria (75.9%) possuía uma especialização em jornalismo ou comunicação. Especificamente, 55.5% frequentou uma especialização em jornalismo, 6.9% num outro campo da comunicação, e 12.5% tanto em jornalismo como noutros domínios da comunicação. Também 1.5% dos jornalistas são detentores de um doutoramento, enquanto 6.9% iniciaram, mas não concluíram, os estudos universitários.

A maioria dos jornalistas entrevistados em Portugal trabalha a tempo integral (91.6%), enquanto uma franja residual (0.2%) indicou a opção de *part-time*, e 6.6% o estatuto de *freelancer*. Dos jornalistas a tempo inteiro, 90% possuem um vínculo permanente, sendo os restantes contratados de forma temporária.

Os jornalistas portugueses são relativamente experientes. Em média, já trabalham no sector há 14 anos. A maioria deles exerce funções numa editoria específica (59.9%), tal como ‘Política’, ‘Local’

ou 'Desporto', enquanto os demais 40.1% incluem várias editorias nas suas respostas. No geral, os jornalistas portugueses trabalham em 1.70 redações ($s=1.45$); 17.2% dos quais mantêm outros empregos fora da área do jornalismo. Uma ligeira maioria dos entrevistados pertence a uma associação profissional ou sindicato (53.4%).

Na amostra em análise, 25.3% dos entrevistados consideram-se jornalistas multimedia, tendo indicado que trabalhavam em vários tipos de media em simultâneo. A maioria, no entanto, exerce funções no jornalismo impresso, a saber: 26.1% em jornais diários, 6.6% em semanários, e 14.3% em revistas. Outros 7.2% laboram nas televisões públicas ou privadas, e 11% em rádios. Apenas uma minoria refere trabalhar em agências noticiosas (3.5%), redações online de media tradicionais (4.3%) e sites noticiosos exclusivamente online (1.8%).

Transição no campo

O jornalismo atravessa um estado de mudança. De acordo com os profissionais portugueses, tanto o recurso a motores de busca como a concorrência provocaram um profundo impacto nos últimos cinco anos (ver Quadro 1). Em geral, as respostas dos jornalistas apontam para uma degradação substancial das condições de trabalho, que se consubstanciam no aumento da carga horária, a crescente importância de capacidades técnicas e as pressões em torno do lucro. Além do mais, a maioria dos entrevistados reconhece a diminuição do tempo disponível para a necessária investigação jornalística dos factos noticiosos. Uma outra preocupação, prende-se com o decréscimo da credibilidade pública do jornalismo e dos padrões éticos.

As influências no jornalismo e no processo de produção das notícias também sofreram alterações. Com a exceção dos padrões éticos, que enfraqueceram ao longo dos anos, todas as demais fontes de influência sobre os jornalistas aumentaram, conforme se constata no Quadro 2. Neste domínio, é de assinalar a influência dos media sociais, da concorrência e das pressões em torno do lucro como as que mais se incrementaram nos últimos cinco anos. A maioria dos jornalistas alude igualmente ao aumento de outras influências relacionadas com o mercado – tais como a publicidade e as pesquisas de audiências – bem como, os conteúdos gerados pelos utilizadores, o feedback e educação da audiência.

Quadro 1 – Mudanças no jornalismo

	N	Percentagem indicando "aumento"	Percentagem indicando "redução"
Capacidades técnicas	319	78.1	7.2
Uso de motores de busca	320	94.7	–
Média de horas laborais	317	77.5	1.6
Interacção dos jornalistas com as audiências	319	64.9	10.7
Possuir um grau académico	314	50.6	8
A relevância do jornalismo na sociedade	319	38.9	26.3
Possuir um grau académico em jornalismo ou área afim	320	43.1	11.3
Autonomia para tomar decisões editoriais	320	25.6	40.9
Credibilidade do jornalismo	316	20.6	48.4
Tempo disponível para investigar histórias	317	6.6	83.3

Questão: Indique se acha que se registou um aumento ou redução da importância dos seguintes aspectos laborais em Portugal. 5 significa que aumentaram exponencialmente, 4 significa que aumentaram moderadamente, 3 significa que não houve qualquer mudança, 2 significa que aumentaram moderadamente, e 1 significa que diminuíram exponencialmente. As questões sobre as mudanças no jornalismo só foram endereçadas a jornalistas com cinco ou mais anos de experiência profissional.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2 – Mudanças nas influências no jornalismo

	N	Percentagem indicando "fortaleceu"	Percentagem indicando "enfraqueceu"
Medias sociais, tais como Facebook e Twitter	316	92.4	0.9
Concorrência	316	83.5	4.4
Conteúdos gerados pelos utilizadores, tal como blogs	319	75.9	6
Pressões relacionadas com o lucro	317	77.6	2.8
Considerações publicitárias	316	70.3	4.4
Feedback da audiência	317	70.7	5
Pesquisa/estudo das audiências	315	66	4.4
Pressão do estilo sensacionalista de notícias	316	52.5	13.9

Relações Públicas	316	63	7.3
Envolvimento das audiências na produção das notícias	317	60.9	6.6
Educação jornalística	318	64.5	8.5
Padrões éticos	319	24.1	43.3
Modelo ocidental de exercício do jornalismo	309	40.1	10.7

Questão: Indique em que medida as seguintes influências se fortaleceram ou enfraqueceram nos últimos cinco anos em Portugal. 5 significa que se fortaleceram exponencialmente, 4 significa que se fortaleceram moderadamente, 3 significa que não houve qualquer mudança, 2 significa que se enfraqueceram moderadamente, e 1 significa que se enfraqueceram exponencialmente.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Resultados da análise (longitudinal)

No que concerne as orientações em relação aos papéis profissionais, os jornalistas portugueses consideram mais importante “reportar os eventos de forma factual”, “ser um observador neutro”, “oferecer análise dos assuntos da actualidade”, e “monitorar e escrutinar os líderes políticos” (ver Quadro 3). A relevância destes papéis “clássicos” emerge de forma incontestada nas entrevistas, tal como o relativamente baixo desvio padrão verificado confirma. Do mesmo modo, constata-se um forte consenso acerca da necessidade de “promover a tolerância e diversidade cultural”, de “monitorar e escrutinar o mundo empresarial” e “permitir que as pessoas expressem as suas opiniões”.

Ainda assim, a maioria dos jornalistas em Portugal considera importante “retratar acontecimentos mundiais”, “providenciar a informação necessária para que as pessoas possam tomar decisões políticas”, “apoiar o desenvolvimento nacional”, bem como, “educar a audiência”. Outros papéis mais assertivos são igualmente percebidos como fundamentais, tais como “promover a mudança social”, “motivar as pessoas a participarem na práxis política”, “estabelecer a agenda política” e “influenciar a opinião pública”, que surgem ao mesmo nível de “oferecer aconselhamento, orientação e direção para a vida quotidiana”, para além de “proporcionar entretenimento e relaxe”.

Apenas uma minoria dos entrevistados aludiu aos papéis de “conferir uma imagem positiva da liderança política” e o “apoio às políticas governamentais”.

Quando comparados com os dados do estudo anterior do WOJ, é possível concluir que os jornalistas portugueses se pautam por ideais de distanciamento de poder e observação neutra. De facto, evidenciam reservas em relação às elites no poder, por preconizar a “monitorização das suas actividades” como sendo uma prioridade. Adicionalmente, almejam “providenciar a informação necessária para que as pessoas possam tomar decisões políticas”.

De uma microanálise diacrónica, deriva uma primeira conclusão que aponta para o facto dos resultados tenderem a ser semelhantes em grande parte das variáveis, designadamente: “oferecer o tipo de notícias que atrai vastas audiências”, “estabelecer a agenda política”, “apoiar o desenvolvimento nacional”, “promover a mudança social”, “monitorar e escrutinar o mundo empresarial” e “influenciar a opinião pública”. A diferença mais destacada, em contraste, diz respeito ao item “providenciar a informação necessária para que as pessoas possam tomar decisões políticas” que mereceu uma importância acrescida no estudo mais recente, comparativamente aos resultados de 2011.

Um olhar mais atento, no entanto, é revelador de outras diferenças significativas. Na verdade, todas as categorias em geral são valorizadas de forma mais positiva nos resultados de 2015 (67%) em detrimento daquelas que perdem importância na autopercepção dos jornalistas (33%). “Monitorar e escrutinar o mundo empresarial”, em particular, incrementa o destaque de moderadamente para exponencialmente, enquanto “apoiar o desenvolvimento nacional” e “promover a mudança social” passam de pouco importante para um papel moderadamente importante.

Algo diametralmente diferente sucede em relação a “motivar as pessoas a participarem na prática política”, que passa de ser considerado de muito importante em 2011 para de pouca importância nos resultados de 2015.

Quadro 3 – Papéis dos jornalistas

	N	Percentagem indicando “extremamente” e “muito importante”	Mediana
Reportar os eventos de forma factual	401	94.8	4.71
Oferecer análise dos assuntos da actualidade	402	83.3	4.22
Ser um observador neutro	405	85.9	4.42
Oferecer o tipo de notícias que atrai vastas audiências	403	24.6	2.77
Promover a tolerância e diversidade cultural	406	75.6	4.12
Oferecer aconselhamento, orientação e direção para a vida quotidiana	403	31.3	2.98
Educar a audiência	406	51.7	3.44
Contar histórias sobre o mundo	403	69.0	3.88
Providenciar a informação necessária para que as pessoas possam tomar decisões políticas	405	62.7	3.71
Proporcionar entretenimento e relaxe	402	17.2	2.44
Motivar as pessoas a participarem na práxis política	401	33.4	2.91
Permitir que as pessoas expressem as suas opiniões	406	71.7	4.01
Monitorar e escrutinar a elite política	402	78.4	4.14

Questão: Indique quão importante é cada um destes aspectos no seu trabalho. 5 significa extremamente importante, 4 significa muito importante, 3 significa moderadamente importante, 2 significa importante, e 1 significa pouco importante.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Confiança jornalística

Analisar a percepção dos papéis também contempla a confiança nas instituições sociais. Tal decisão resulta, por norma, de uma baixa confiança nas instituições pelos jornalistas estar relacionada com a percepção dos papéis, tais como, considerar importante vigiar e monitorar as ações das elites no poder. Adicionalmente, a sua inclusão na análise justifica-se em vista do facto de os media serem frequentemente acusados de corresponsabilidade na erosão da confiança dos cidadãos nas instituições públicas.

Assim sendo, no que concerne a confiança nas instituições públicas, os jornalistas portugueses revelam razoável confiança em três instituições, a saber: nas deles (“os media”), seguido das “forças de segurança” – polícia e exército (ver Quadro 4). O “parlamento” e os

“tribunais” também foram considerados de confiança pelos jornalistas portugueses. Os inquiridos, pelo contrário, não têm em alta estima tanto os “líderes religiosos” como os “sindicatos”, e conferem pouca confiança ao “governo”, aos “partidos políticos” e aos “políticos” em geral.

Tais resultados estão em linha com os anteriores, dado que a maioria das instituições (55%) registou um *score* semelhante ao de 2011. Dito isto, é digno de nota a inexistência de qualquer coincidência nos dois conjuntos de dados no que concerne as três primeiras instituições. Em 2011, eram os “militares” que estavam na liderança, em detrimento dos “media” e dos “líderes religiosos” no estudo mais recente.

No geral, só se verificam diferenças residuais na análise comparativa com a exceção dos “líderes religiosos”, do “parlamento” e do “governo”, considerados anteriormente de menor confiança. Curiosamente, não se verifica um decréscimo na valoração dos “políticos” em geral e dos “partidos políticos”, em particular, provavelmente porque o nível de confiança anteriormente registado já era entre o modesto e residual.

Quadro 4 – Confiança jornalística nas instituições

	N	Percentagem indicando confiança 'considerável' ou 'completa'	Mediana	Desvio padrão
Judicial/Tribunais	398	20.6	2.80	0.92
media	398	44.7	3.37	0.73
Polícia	398	35.4	3.19	0.90
Parlamento	400	22.3	2.85	0.91
Sindicatos	398	13.3	2.63	0.89
Governo	400	7.8	2.30	0.91
Militar	382	32.7	3.17	0.89
Líderes religiosos	395	13.7	2.54	0.97
Partidos políticos	397	3.8	2.16	0.85
Políticos em geral	399	2.8	2.20	0.81

Questão: Indique numa escala de 1 a 5 o quão confia nas seguintes instituições. 5 significa que tem confiança absoluta, 4 significa que tem confiança considerável, 3 significa que tem alguma confiança, 2 significa que tem pouca confiança, e 1 significa que não confia.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ética profissional

Os jornalistas portugueses evidenciam em geral uma enorme adesão a padrões profissionais éticos. Os entrevistados concordam de forma quase unânime que os jornalistas devem “aderir aos códigos de ética, independentemente do contexto ou da situação” (ver Quadro 5). Adicionalmente, quase nove em cada dez jornalistas discordam da ideia que as “decisões éticas sejam uma questão do foro pessoal”, enquanto cerca do dobro deles considerem ser “ocasionalmente aceitável desconsiderar os padrões morais em circunstâncias excepcionais”. No entanto, menos de metade dos inquiridos subscrevem a ideia que as decisões dos jornalistas, em última análise, dependem das situações específicas.

Quadro 5 – Orientações éticas dos jornalistas

	N	Percentagem indicando concordar “fortemente” e “moderadamente”	Mediana	Desvio Padrão
Jornalistas devem sempre obedecer aos códigos de ética profissional, independentemente do contexto ou situação	403	94.5	4.60	0.67
O que é ético em jornalismo depende da situação específica	403	33.5	2.58	1.38
O que é ético em jornalismo é uma questão de juízo pessoal	401	12.5	1.98	1.12
É aceitável desconsiderar os padrões morais caso circunstâncias excepcionais assim o exijam	402	21.6	2.40	1.24

Questão: As seguintes afirmações descrevem diferentes visões sobre o jornalismo. Para cada uma delas indique o nível de acordo ou desacordo. 5 indica que concorda fortemente, 4 concorda modernamente, 3 indeciso, 2 discorda moderadamente, e 1 discorda fortemente.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados são contrastantes no que concerne a um conjunto de técnicas potencialmente controversas de reportagem. A vasta maioria dos jornalistas em Portugal considera justificável nalgumas ocasiões o “uso de câmaras ou microfones escondidos”, enquanto um número considerável de entrevistados pensa o mesmo do “uso sem autorização

de documentos confidenciais do governo ou das empresas”, bem como, do recurso de “recriações e dramatizações dos actores noticiosos” (ver Quadro 6). Ainda assim, muitos jornalistas não acham reprovável “empregar-se numa empresa ou instituição a fim de obter acesso a informação privilegiada”, nem “alegar ser outra pessoa” ou “exercer pressão sobre fontes não cooperantes para obter informações”.

Em contraste, apenas uma minoria dos jornalistas considera permissível “alterar as citações ou fotografias”. A prática do envelope castanho – dos jornalistas “aceitarem dinheiro das fontes presumivelmente em troca de cobertura favorável” – foi quase unanimemente condenada pelos profissionais portugueses.

Quadro 6 – Justificações dos métodos controversos de reportagem dos jornalistas

	N	Percentagem indicando	Percentagem indicando
		“sempre justificável”	“ocasionalmente justificável”
Uso sem autorização de documentos confidenciais do governo ou das empresas	401	20.2	28.4
Empregar-se numa empresa ou instituição a fim de obter acesso a informação privilegiada	405	21	43.5
Recurso a recriações e dramatizações dos actores noticiosos	402	23.4	41.5
Pagar em troca de informação confidencial	401	20.2	28.4
Uso de câmaras ou microfones escondidos	403	11.9	68.7
Alegar ser outra pessoa	403	24.6	34
Publicar material não verificado	405	28.9	18.3
Exercer pressão sobre fontes não cooperantes para obter informações	402	22.9	39.3
Utilizar documentos privados – cartas ou fotos – sem autorização	403	24.8	28.5
Aceitar dinheiro das fontes	404	34.2	7
Alterar ou forjar citações das fontes	404	33.7	2.7
Modificar fotografias	404	31.2	9.9

Questão: Numa dada notícia importante qual das seguintes considera justificáveis ocasionalmente ou em todas as ocasiões.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Autonomia e Influências

Os jornalistas em Portugal denotam um grau significativo de autonomia profissional. Três em cada quatro dos entrevistados (76.3%) declara ter “liberdade total” ou “significativa” na selecção das notícias. Ademais, 84.9% assumem o mesmo em termos da capacidade de decidir quais os “aspectos ou ângulos da notícia a adoptar”. No entanto, apenas uma minoria dos jornalistas (44.1%) “participam em actividades de coordenação editorial” (tais como reuniões de redacção).

A produção noticiosa é influenciada por uma variedade de factores. Entre aqueles mais mencionados pelos entrevistados, é digno de nota a “ética jornalística” que lidera a lista das influências (ver Quadro 7). A maioria dos jornalistas reconhece a existência de “constrangimento no acesso à informação”, “limitações de tempo”, e “considerações de política editorial”. De modo semelhante, mais de metade dos entrevistados admite a influência de “valores e convicções pessoais” bem como a “disponibilidade de fundos para a obtenção de informação”.

No geral, os factores internos se sobressaem como sendo mais influentes que os constrangimentos externos. Os jornalistas políticos sentem pouca influência dos domínios políticos e cívico: “governo”, “grupos de pressão”, “forças armadas”, “forças policiais e de segurança do estado”, “empresários”, “relações públicas”, “censura”, “religião”. Aludem também a uma influência mínima de “amigos, conhecidos e familiares” bem como de “colegas de outros media”. Do mesmo modo, as influências económicas – resultantes das “expectativas de lucro, dos proprietários e gestores”, a par das da “concorrência” e dos “anunciantes” – têm pouca relevância no seio das redacções.

Quadro 7 – Influências percebidas

	N	Porcentagem indicando “extremamente” e “muito influente”	Mediana	Desvio Padrão
Ética jornalística	398	92.7	4.60	0.71
Acesso à informação	404	78.2	4.10	0.92
Limitações de tempo	400	73.3	3.98	0.96
Valores e crenças pessoais	377	62.1	3.82	1.14
Disponibilidade de fundos para recolha de informação	393	58.8	3.73	0.97
Política Editorial	400	63.3	3.81	0.94

Supervisores e Editores	392	47.4	3.41	0.94
Relacionamentos com as fontes	403	47.9	3.38	1.12
Leis da Imprensa e Regulação	402	27,1	2.78	1.15
Feedback da audiência	405	35.8	2.99	1.14
Colegas de trabalho	370	30.5	3.03	0.89
Estudos de Audiência	326	21.8	2.63	1.12
Expectativa de lucro	270	17.8	2.36	1.11
Gestores das organizações mediáticas	323	24.1	2.70	1.11
Considerações dos anunciantes	267	12	2.09	1.04
Media Concorrência	403	30	2.94	1.01
Proprietários dos media	297	18.5	2.45	1.13
Relações Públicas	396	4.8	1.82	0.89
Colegas de outros media	406	15.3	2.33	1.05
Empresários	402	4.7	1.62	0.90
Grupos de pressão	405	4.4	1.61	0.88
Amigos, conhecidos e familiares	406	14.3	2.25	1.10
Forças Armadas, Polícia e Forças de Segurança	398	4.5	1.56	0.89
Considerações religiosas	196	15.8	2.04	1.27
Censura	405	6.7	1.5	1
Políticos	403	5	1.6	0.89
Membros do Governo	400	3.5	1.54	0.84

Questão: Desta lista de potenciais fontes de influências, indique quanto impactam no seu trabalho. 5 significa extremamente influente, 4 significa muito influente, 3 significa moderadamente influente, 2 significa pouco influente, e 1 significa nada influente.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No que tange a análise comparativa dos dados de 2011, é reveladora de algum tipo de mudança em termos das influências no trabalho dos jornalistas ao longo do tempo. De facto, apenas três das 18 variáveis comuns de influências (17%) apresentam a mesma posição em termos do ranking geral: “supervisores e editores”, “disponibilidade de fundos para recolha de informação” no extremo superior da tabela e “censura” no extremo oposto. Dentre 73% das categorias que contrastam com as anteriores, é digna de nota as “limitações de tempo” que não merecia tanta relevância em 2011 como a que lhe é atribuída em 2015.

Por último, uma análise cruzada em termos das medianas é reveladora de uma série de incrementos significativos de factores que passam de não influentes para pouco influentes, a saber: “amigos, conhecidos e família”, “considerações religiosas” e “colegas de trabalho”. Pelo contrário, a influência dos “gestores das organizações mediáticas” sofre um decréscimo durante os períodos de análise, de moderadamente influentes para pouco influente.

Discussão

Analisar a evolução do jornalismo ao longo do tempo é de importância crucial, ao ponto de ser reveladora da extensão em que os jornalistas e as organizações mediáticas em todo o mundo se adaptam ao ecossistema das notícias em mudança.

Nesse sentido, este artigo, baseado nos últimos resultados do estudo do WOJ relativos a Portugal, começa por corroborar justamente o estado de mudança prevalecente um pouco por toda a parte. No caso particular deste país do sul da Europa, tal fluxo de mudança é o resultado da combinação de um conjunto de influências de natureza distinta (Shoemaker & Reese, 1996). Desde logo, influências externas às organizações mediáticas, como são o impacto da inovação tecnológica e as considerações relacionadas com o mercado dos media. Adicionalmente, tal cenário evolutivo do jornalismo nacional é revelador de outras influências organizacionais e das rotinas de produção noticiosa: uma substantiva deterioração das condições de trabalho na profissão – aumento da média de horas laborais e pressões na obtenção de lucro em detrimento do tempo disponível para recolha de informação. Por fim, influências individuais também interferem na perspectiva dos jornalistas portugueses, como é evidente no decréscimo da credibilidade pública e na degradação dos padrões éticos.

Este estudo é igualmente de interesse, na medida em que oferece um contributo no domínio escasso e inconclusivo de investigação científica sobre o mapeamento da evolução diacrónica da autopercepção dos jornalistas relativa aos papéis e práticas noticiosas. Nesse contexto de uma literatura incompleta e provisória, tanto a nível nacional como a nível de análises sistemáticas ao longo do tempo, o presente artigo contribui para a compreensão da extensão, direção e das implicações das mudanças em curso no jornalismo. Fá-lo, por propor uma análise longitudinal sem

precedentes com recurso a um exame de meia década das evolutivas autopercepções da realidade jornalística portuguesa, centrada em cinco das atuais tendências dos estudos do jornalismo.. Na verdade, as concepções dos papéis relacionados com a função democrática, a autonomia jornalística, a confiança nas instituições sociais, as influências internas e externas, bem como, as considerações éticas, todas consideradas em conjunto formam a base de um novo modelo de análise e definição do jornalismo.

Quando comparadas as situações prevalentes em 2010-11 e 2013-14, por conseguinte, redonda num cenário de *mutatis mutandis*, dado que as naturais alterações resultantes de um período de análise de cinco anos em Portugal apenas confirmam a lógica da estavelmente evolutiva autopercepção dos jornalistas. Na realidade, as diferenças verificadas nos diversos parâmetros ao longo do friso temporal do estudo não deixam de ser de algum modo selectivas e modestas em vista do período de tempo envolvido e das circunstâncias contextuais em torno do jornalismo. Dito de outra forma, no que à comparação longitudinal concerne, há algumas diferenças que, ainda que estatisticamente significativas, não colocam em questão a tendência geral de estabilidade das autopercepções dos jornalistas portugueses, em consonância com outros estudos anteriores (Bourdieu, 1998; Cook, 1998; Gans, 2004; O'Sullivan & Heinonen, 2008; Quandt, 2008; Reich, 2013; Ryfe, 2006, 2012a, 2012b; Schultz, 2007).

Em conclusão, destarte as ligeiras flutuações verificadas nos resultados deste estudo no contexto específico das mudanças em curso no jornalismo, como mencionado anteriormente, é relativamente seguro concluir que Portugal ainda preserva o paradigma jornalístico. Aliás, o modelo de jornalismo tende a ser tanto resistente à mudança como relativamente constante e homogéneo ao longo do tempo (Reich, 2013), evidenciando uma visão prospectiva de alguma forma optimista quanto ao futuro da profissão no país (Willnat et al. 2017).

REFERÊNCIAS

- Bourdieu P. (1998). *On Television*. Oxford: Polity Press.
- Cook T. E. (1998). *Governing with the News*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Correia, F., Batista, C. (2010) *Memórias Vivas do Jornalismo*. Lisboa: Editorial Caminho.

Esser, F., Hanitzsch, T. (2012) Organizing and Managing Comparative Research Projects Across Nations: Models and Challenges of Coordinated Collaboration. In I. Volkmer (Org.), *The Handbook of Global Media Research* (pp. 521-532). Malden, MA: Wiley-Blackwell.

Gans, H. (2004). *Deciding What's News*. Evanston, IL: Northwestern University Press.

Hallin, D. C., Manoff, R. K., Weddle, J. K. (1993) Sourcing patterns of national security reporters. *Journalism Quarterly* 70 (4), pp. 753-766. DOI: doi.org/10.1177/107769909307000402

Hanitzsch, T. (2007). Deconstructing Journalism Culture: Toward a Universal Theory. *Communication Theory*, 17 (4), pp. 367-85. DOI: doi.org/10.1111/j.1468-2885.2007.00303.x

Hanitzsch, T., Mellado, C. (2011) What Shapes the News Around the World? How Journalists in Eighteen Countries Perceive Influences on Their Work. *The International Journal of Press / Politics*, 16 (4), pp. 404-426. DOI: doi.org/10.1177/1940161211407334

Hanitzsch, T., Hanusch, F., Mellado, C., Anikina, M., Berganza, R., Cangoz, I., Coman, M., Hamada, B., Hernandez, M. H., Karadjov, C. D., Moreira, S. V., Mwesige, P. G., Plaisance, P. L., Reich, Z., Seethaler, J., Skewes, E. A., Noor, D. V. & Yuen, K. W. (2011). Mapping Journalism Cultures across Nations: A Comparative Study of 18 Countries. *Journalism Studies*, 12 (3), pp. 273-293. DOI: doi.org/10.1080/1461670X.2010.512502

Hanusch, F., Hanitzsch, T. (2017). Introduction: Comparing Journalistic Cultures across Nations. *Journalism Studies*, 18 (5), pp. 525-535. DOI: doi.org/10.1080/1461670X.2017.1280229

Manning P. (2001). *News and News Sources*. London: SAGE.

Mills, M., Bunt, G. G., Bruijn, J. (2006). Comparative Research Persistent Problems and Promising Solutions. *International Sociology* (online), 21 (5), pp. 619-631. DOI: doi.org/10.1177/0268580906067833

Novais, R. A., Moreira, S. V., Silva L. (2013) Brothers in arms? Portuguese and Brazilian journalistic worlds compared. *Brazilian Journalism Review*, 9 (1), pp. 76-97. DOI: doi.org/10.25200/BJR.v9n1.2013.486

O'sullivan, J. Heinonen, A. (2008). Old values, new media. *Journalism Practice*, 2(3), pp. 357-371. DOI: doi.org/10.1080/17512780802281081

Quandt, T. (2008). (No) News on the world wide web? A comparative content analysis of online news in Europe and the United States. *Journalism Studies*, 9(5), pp. 717-738. DOI: doi.org/10.1080/14616700802207664

Reich Z. (2013). The impact of technology on news reporting: A longitudinal perspective. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 90 (3), 417-434. DOI: doi.org/10.1177/1077699013493789

Ryfe M. D. (2012). Why has news production in the United States remained stable in a time of great change? In: V. N. Angharad (Ed.), *The International Encyclopedia of Media Studies. Volume II: Media Production* (pp. 325–344). Malden, MA: Willey-Blackwell

Schultz I. (2007). The journalistic gut feeling: Journalistic Doxa, news habitus and newsroom capitals. *Journalism Practice*, 1 (2), pp. 190-207. DOI: doi.org/10.1080/17512780701275507

Shoemaker, P. J., Reese S. D. (1996). *Mediating the message: theories of influences on mass media content*. New York: Longman.

Sigal L. V. (1973). *Reporters and Officials*. Lexington, MA: D.C. Heath.

Stromback, J., Djerf-Pierre, M., Shehata A. (2016). A Question of Time? A Longitudinal Analysis of the Relationship between News Media Consumption and Political Trust. *The International Journal of Press/Politics*, 21 (1), pp. 88-110. DOI: doi.org/10.1177/1940161215613059

Weaver, D. H. (2015). Studying Journalists and Journalism Across Four Decades: A Sociology of Occupations Approach. *Mass Communication and Society*, 18 (1), pp. 4-16. DOI: doi.org/10.1080/15205436.2014.969843

Willnat, L., Weaver, D., Choi, J. (2013). The Global Journalist in the 21st Century: A Cross-national Study of Journalistic Competencies. *Journalism Practice*, 7 (2), pp. 163-183. DOI: doi.org/10.1080/17512786.2012.753210

Willnat, L., Weaver, D. H., Wilhoit, G. C. (2017). *The American Journalist in the Digital Age: A Half-Century Perspective*. New York, NY: Peter Lang Publishing

Rui Alexandre Novais. PhD em Communication and Image Studies na University of Kent, Canterbury (Reino Unido); Leciona na Universidade do Mindelo, em São Vicente - Cabo Verde e é o Investigador responsável em Portugal do projecto World of Journalism.

RECEBIDO EM: 24/12/2017 | ACEITO EM: 25/03/2018